

## RECONVERSÃO DE FUNÇÕES ECONÔMICAS DE CIDADES: CONTRIBUIÇÕES AOS ESTUDOS SOBRE EMPREENDEDORISMO

RECONVERSION OF ECONOMIC FUNCTIONS IN TOWNS: CONTRIBUTIONS TO RESEARCHES ON  
ENTREPRENEURSHIP

Anderson de Souza Sant'Anna \*

Fundação Dom Cabral (FDC) e Programa de Pós-graduação em Administração da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PPGA/Pucminas)

Nova Lima, Minas Gerais, Brasil

E-mail: anderson@fdc.org.br

Reed Elliot Nelson

Southern Illinois University at Carbondale (SIUC) e Universidade Nove de Julho (Uninove)

Nova Lima, Minas Gerais, Brasil

E-mail: nelson@siu.com

### RESUMO

Este artigo apresenta resultados de estudo destinado a investigar processo de reconversão de funções econômicas orientado pelo turismo e indústria criativa, vivenciado pela cidade de Tiradentes (MG). Em termos metodológicos, a pesquisa que subsidiou seus resultados pode ser caracterizada como de natureza qualitativa, com inspiração no tipo *Grounded Theory*. Envolvendo análise documental, observação direta e 39 entrevistas semi-estruturadas e em profundidade junto a proprietários de pousadas, restaurantes, lojas e ateliers, representantes de fundações e associações de classe, membros da sociedade civil, igreja e políticos foi possível a identificação de diferentes pares antitéticos que expressam as principais tensões e contradições vivenciadas pela comunidade, em decorrência da dinâmica de reconversão investigada. Posterior aprofundamento das categorias em oposição permitiu a proposição de tipologia de empreendedores locais, considerando os diferentes capitais econômicos, culturais, sociais e simbólicos por eles mobilizados no processo em análise, bem como achados ainda pouco explorados na literatura sobre o tema.

**Palavras-chave:** Reconversão de Funções Econômicas de Cidades; Empreendedorismo; Empreendedorismo; Empreendedorismo Social; Turismo; Indústria Criativa.

Data de submissão: 18 outubro 2013.

Data de aprovação: 10 dezembro 2013.

### ABSTRACT

This article presents results of a study oriented to investigate the reconversion process of economic functions driven by tourism and creative industry experienced by the city of Tiradentes (MG). In terms of methodology, the research that supported their results can be characterized as qualitative and draws on *Grounded Theory* type. Involving document analysis, direct observation and 39 semi-structured interviews, and in-depth with the owners of inns, restaurants, shops, and workshops, representatives of foundations, and associations, civil society, church, and political was possible to identify different pairs antithetical to express the main tensions and contradictions experienced by the community, due to the dynamic conversion investigated. Further development of the categories as opposed allowed proposing a typology of local entrepreneurs, considering the different economic capital, cultural, social and symbolic mobilized by them in the process analysis and findings still little explored in the literature on the subject.

**Keywords:** Reconversion of Economic Functions of Cities; Entrepreneurship; Social Entrepreneurship; Tourism; Creative Industries.

## **INTRODUÇÃO**

Tendo por base a noção de desenvolvimento local, experiências recentes de planejamento, bem como intervenções urbanas associadas a tal noção, este artigo tem como propósito central apresentar resultados de pesquisa destinada a investigar processos de reconversão de funções econômicas de cidades, no caso específico de dinâmica orientada ao turismo e à indústria criativa, com vistas a melhor compreender suas implicações sobre os diferentes atores sociais nela envolvidos, em particular os empreendedores. Em outros termos, visa investigar relações entre a dinâmica social e econômica da cidade alvo do estudo - a cidade de Tiradentes (MG) - a qual em espaço de tempo relativamente curto emergiu de longo período de abandono e esquecimento, decorrente do esgotamento da atividade de extração aurífera (FROTA e PETERSON, 1978), para se configurar em um dos principais e mais sofisticados destinos turísticos do país. Pela análise de tal dinâmica evidencia-se papel protagônico dos empreendedores locais, tornando relevante melhor compreender relações estabelecidas por tais atores, quer entre si, quer com os demais *players* envolvidos no processo. Constitui sua principal motivação, analisar as origens dessa *metamorfose*, a dinâmica e tensões sociais que a acompanham, na expectativa de que os achados obtidos possam ser de utilidade para os diferentes *stakeholders* de Tiradentes (MG), assim como a outras comunidades em busca de realização de seu potencial econômico e social, por meio de processos de reconversão de suas funções econômicas. Ademais, a partir dos achados empíricos foi possível proceder a articulações com a literatura e, no nosso entender, propiciar elementos que possam vir a contribuir para a ampliação dos estudos, notadamente, sobre o *Empreendedorismo*, no contexto de tais processos.

Em termos metodológicos, a pesquisa que subsidiou a realização deste estudo pode ser caracterizada como de natureza qualitativa, conduzida, com inspiração no tipo *Grounded Theory* e, portanto, com pouca ênfase inicial na teoria existente, neste caso em particular, dada à própria escassez de literatura pertinente a relações entre os construtos de interesse.

Embora de natureza indutiva obteve-se já nas entrevistas preliminares relatos que refletem tensões que marcam a dinâmica local. Alguns respondentes indicaram, por exemplo, o recente desenvolvimento da cidade como produto da intervenção inspirada de alguns poucos líderes preeminentes. Outros a indicaram como resultado direto de sua evolução macroeconômica. À medida, no entanto, que se aprofundou a análise dos dados, a importância da variação entre os empreendedores locais e suas relações, quer entre si, quer com a comunidade como um todo, tornou-se evidente, possibilitando identificar mais claramente um conjunto de estudos na literatura passível de nos apoiar na interpretação dos achados e mesmo possibilidades quanto a ampliá-los.

Exploraremos, mais adiante, quando da apresentação e discussão desses achados, possíveis relações com a teoria existente, porém para fins introdutórios, anteciparemos alguns, os quais consideramos mais significativos:

1. A comunidade desenvolveu um vocabulário compartilhado de categorias opostas que expressam as principais tensões sociais advindas do atual processo de reconversão de suas funções econômicas;
2. Posicionamentos empreendedores distintos estão localizadas em diferentes espaços criados pela interseção ou justaposição dessas categorias opostas. Os diferentes tipos têm consciência de sua localização e da localização dos outros nesse esquema de opostos;
3. Diferentes tipos de empreendedores têm diferentes metas e preferências em relação ao desenvolvimento da comunidade, com implicações diferentes para a natureza da comunidade, no longo prazo;
4. A distribuição proporcional de diferentes tipos de empreendedores tem impactos na dinâmica econômica e social da comunidade;
5. A diversidade entre tipos de empreendedores da comunidade não permite que busquem metas em comum, preservando assim o poder da oligarquia política tradicional e restringindo a qualidade do desenvolvimento econômico futuro;
6. Os tipos de empreendedores identificados pelo sistema cognitivo da comunidade se sobrepõem, mas não duplicam as tipologias existentes na literatura sobre empreendedores;
7. Embora alguns empreendedores pareçam compartilhar comportamentos em comum com os tipos identificados na literatura tradicional sobre empreendedorismo, apresentam variações quanto às suas origens sociais, motivações e valores pessoais.

No que tange à sua relevância, o estudo se justifica, em particular, ao ampliar os estudos sob o rótulo de *Processos de Reconversão de Funções Econômicas de Cidades*, relacionando-a com o construto *Empreendedorismo Social*, notadamente, com respeito a variações entre empreendedores envolvidos em tais dinâmicas e as alianças e embates que estabelecem entre si e com representantes de outros campos - governamental, cultural, comunitário.

Vale observar que na literatura os primórdios das pesquisas sobre o empreendedorismo foi marcado pelo esforço de se identificar atributos que distinguíssem o empreendedor do restante da população. Desse modo, características psicológicas, como tolerância ao risco e nível de agressividade, assim como fatores demográficos - educação, etnia e classe social - foram amplamente considerados na tentativa de definição de um perfil de empreendedor típico ou bem sucedido.

Com a evolução dos estudos no campo, esse tipo de pesquisa perde espaço, tendo-se percebido que os empreendedores variam entre si de forma significativa, bem como que essas variações apresentam ampla gama de implicações sobre o comportamento e desempenho de seus empreendimentos. Mesmo em subcategorias do empreendedorismo, como o chamado *Empreendedorismo Social*, evidenciam-se estudos e análises que apontam para diferentes tipos e estilos pessoais de empreendedores.

Como a maioria desses estudos são de origem norte-americana e, ocasionalmente, europeia, pouco se sabe sobre distinções entre empreendedores brasileiros e de demais países, senão os de origem nórdica. Exceções são os estudos realizados por Mallman, Borba e Ruppenthal (2002), sobre tipos psicológicos encontrados em incubadora de empresas, em Santa Maria (RS). Desse modo, sabe-se ainda muito pouco sobre a atuação *in loco* de empreendedores, no Brasil, e quase nada sobre sua atuação *vis-à-vis* a comunidade em que se estabelecem.

Concomitantemente, na medida em que o desenvolvimento territorial é forjado por uma rede de atores, com interesses plurais, que operam nos territórios local e global, como forma de buscar a inovação e a competitividade, identificar tipos de lideranças empreendedoras locais e mecanismos utilizados para sua manifestação em processos de mobilização e interação entre diferentes atores envolvidos em tais processos revela-se crucial para se melhor compreender as bases para o desenvolvimento de políticas e intervenções em prol de um desenvolvimento local efetivamente sustentável.

Nessa direção, em termos práticos, o estudo justifica-se ao contribuir com subsídios que venham a propiciar o delineamento de políticas e práticas direcionadas a processos de reconversão de funções econômicas de cidades, bem como ao desenvolvimento de empreendedores, líderes e gestores - públicos e privados - neles envolvidos. Assim, como resultados práticos visa propiciar elementos e subsídios para: 1. o desenvolvimento de metodologias em processos de requalificação de funções econômicas de cidades e desenvolvimento local sustentável; 2. o desenho de metodologias de formação de lideranças direcionadas a tais processos; 3. a elaboração de políticas e ações orientadas ao desenvolvimento local, em localidades sob processos de reconversão de suas funções econômicas.

### PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Considerando a carência, no Brasil, de estudos similares e a premissa de que a adoção de metodologias mais positivistas como *surveys* ou instrumentos psicométricos, trariam o risco de impor, inicial e indevidamente, lógicas ou categorias cognitivas de um campo ou contexto social a outro, ocultando observações que poderiam escapar aos quadros teóricos já consolidados, optou-se, inicialmente, por um estudo inspirado metodologia *Grounded Theory* (GLASER, 1992, 1978; GLASER e STRAUSS, 1967; DEY, 2007), sem, no entanto, negligenciar fontes históricas e documentais sobre a cidade e região em análise.

Muito embora orientada por tal perspectiva, os dados obtidos não nos impediram de proceder, *a posteriori*, articulações entre os achados obtidos e a literatura, possibilitando identificar importantes conexões como, por exemplo, com o arcabouço teórico de Bourdieu (2008; 2003), na análise dos diferentes campos (arenas), em que distintos tipos de capitais (econômicos, culturais, sociais e simbólicos) nos permitiram melhor compreender distinções entre os empreendedores que se interagem na comunidade de Tiradentes (MG). Articulações com a literatura clássica de *Empreendedorismo Social* e, notadamente, com a teoria da *Comunidade Social Ecológica* também se revelaram relevantes.

No que tange à coleta de dados, inicialmente, foi reunido o máximo possível de dados históricos formais sobre a cidade e redondezas. Na sequência foram realizadas entrevistas semi-estruturadas e em profundidade junto a respondentes que conhecem a história da cidade ou vivenciaram, mantiveram - ou mantêm - envolvimento ou contato direto com pessoas envolvidas na reconversão de suas funções

econômicas. Para tal, adotou-se amostragem dirigida e intencional. Como já mencionado, à medida que a pesquisa se desenvolveu, procedeu-se a revisão da literatura relacionada ao empreendedorismo, ao desenvolvimento comunitário, bem como a relevantes trabalhos sociológicos. A partir dessa revisão, reorientamos as entrevistas, reinterpretemos os achados, escrevemos textos preliminares (NELSON e SANT'ANNA, 2012a; SANT'ANNA, NELSON e OLIVEIRA, 2011; SANT'ANNA *et al.*, 2011), discutimos os achados com colegas em congressos e seminários (NELSON e SANT'ANNA, 2012b; NELSON e SANT'ANNA, 2011; SANT'ANNA *et al.*, 2012a; SANT'ANNA *et al.*, 2012b), utilizamos conceitos emergentes em entrevistas subseqüentes e obtivemos elementos e inspiração para novas interpretações e análises.

Ao todo, foram procedidas nove viagens a Tiradentes (MG) e 39 entrevistas, resultando em mais de 110 horas de relatos, complementadas por 42 horas de observações de campo, as quais forneceram mais de 350 páginas de material transcrito. As entrevistas variaram em duração e estrutura, tornando-se mais seletivas à medida que o estudo progredia. Normalmente, elas incluíram o histórico pessoal e relações do entrevistado com a comunidade, suas descrições das mudanças vivenciadas pela comunidade, ao longo do tempo, o histórico e estrutura de seu empreendimento - se fosse o caso - e visão quanto ao futuro ideal para a comunidade, assim como o necessário para que esse ideal seja alcançado.

Quanto ao tratamento e análise dos dados obtidos, primeiramente, utilizamos as informações do conjunto das fontes para desenvolver uma história detalhada da cidade e de sua trajetória econômica e social, desde o século XVIII. Buscamos identificar e caracterizar as fases da evolução da comunidade, principais atores e forças sociais, econômicas e políticas em jogo durante cada fase. Procuramos também identificar junto a cada uma de nossas fontes seu papel na comunidade e exposição pessoal nos eventos sociais marcantes ao longo do processo de reconversão das funções econômicas da cidade.

Em seguida buscamos identificar as principais categorias cognitivas, tanto em relação à dinâmica social, quanto aos tipos de empreendimentos e variações individuais entre os empreendedores, as emergentes das entrevistas. Para tal, além de cuidadosa leitura e análise das transcrições das entrevistas pelos autores, adotou-se o *software* de análise qualitativa de dados N-vivo, a fim de apoiar o processo de identificação de temas e sub-temas (FLICK 2009). Primeiramente, foram geradas categorias mutuamente exclusivas e exaustivas (DENZIN e LINCOLN, 2000; MILES e HUBERMAN 1994), e a partir de tais códigos, identificadas categorias secundárias (BOWEN, 2006; DEY, 2007; GIOLA e THOMAS 1996). A análise por meio do *software* pouco variou de nossa leitura das transcrições. Ambas identificaram diversos temas e categorias opostas usadas pelos membros da comunidade para descrevê-la e a seus membros, assim como, posteriormente, possibilitou a construção de tipologia de seus empreendedores, a partir dos capitais econômicos, sociais e simbólicos por eles mobilizados (BOURDIEU, 2003; 2008), na dinâmica em análise, conforme apresentado, a seguir.

## **APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS**

### **Temas Opostos: Um Espelho da Dinâmica Social Comunitária em Tiradentes (MG)**

A trajetória histórica da cidade favoreceu a identificação de diferentes grupamentos de empreendedores e questões comunitárias, os quais foi possível sintetizar, por meio de pares de conceitos opostos, reiteradamente presentes nos relatos obtidos nas entrevistas. Apesar de a atual posição econômica de Tiradentes (MG) ser favorável e do pequeno tamanho da comunidade, nossas entrevistas indicaram que a cidade ainda vivencia intenso processo de transformação econômica e social, assim como, que tal processo é marcado por fortes antíteses e contradições que, entre outras coisas, restringem uma coordenação comum e ações coletivas dos empreendedores como “classe” ou grupo homogêneo. Em linhas gerais, foram identificados quatro temas principais que expressam as tensões, distinções e contradições vivenciadas na dinâmica atual de reconversão de suas funções econômicas: 1. diferenças entre áreas geográficas da cidade; 2. distinção entre nativos e não nativos; 3. diferenças nos modelos de negócios e filosofia dos empreendimentos locais; 4. diferenças nas relações entre os empreendedores e demais membros da comunidade.

### **Centro versus periferia**

Especialmente como resultado do notável aumento do tráfego de turistas ocorrido na cidade, durante os anos 1990, a área histórica de seu centro histórico tornou-se diferenciada do restante da cidade. Tal *locus* passa, desde então, a se dedicar, primordialmente, à atividade comercial, apesar do desejo de alguns entrevistados de que a área abrigue proporção maior de espaços e atividades culturais e habitantes. Por sua vez, os proprietários interessados em empreendimentos na cidade desejam locais no centro da cidade, dado à maior parte do trânsito de turistas e consumidores acontecer nessa região. Questões relacionadas ao tráfego de veículos e animais, a localização e as rotas usadas pelo transporte público, a extensão e o aborrecimento causado por obras de infraestrutura pública assumem significado relativamente maior quando envolvem a área histórica do centro da cidade. Embora se fale em assegurar a qualidade de vida dos residentes locais, a maioria concordaria que os investimentos na área histórica estão focados em facilitar a vida dos turistas e não dos locais. Os costumes, hábitos e o movimento diário dos residentes da área evidencia-se como preocupações secundárias.

Qualquer espaço que não pertença à área central insere-se na categoria de “periferia”, que dentro deste contexto pode ser traduzida como “bairros” - e mais, recentemente, também por “condomínios” - localizados em áreas “circunvizinhas” ao centro histórico. Antes do renascimento da cidade como destino turístico de alto nível, essas áreas contavam com poucos habitantes e era constituída de pequenas casas e modestos sítios ou chácaras. Com o desenvolvimento da cidade, tais áreas se transformaram, sendo agora ocupadas de três formas distintas.

Primeiramente, devido ao fato de o preço dos terrenos de valor histórico da área central terem aumentado de forma significativa, as pessoas que costumavam morar na área central venderam ou alugaram

suas propriedades para empresas e construíram residências nos bairros ou condomínios residenciais que passaram a compor a paisagem do município.

Em segundo lugar, como a periferia não está sujeita às mesmas restrições que o centro nos quesitos tamanho e estilo das construções permitidas, os empreendimentos de maior escala - hotéis e “*shoppings*”, centros de convenção e similares - passaram a se localizar também nessas áreas.

Por último, os residentes que ocupavam, nessas áreas periféricas, residências modestas, antes do *boom* turístico, passam a vivenciar as pressões do “convívio” junto aos empreendimentos e residências mais suntuosas, inclusive em condomínios fechados de alto luxo, que para lá se deslocam.

### “ETs” versus “Minhocas”

A trajetória histórica da cidade favoreceu a formação de diferentes grupos e questões comunitárias que, uma vez mais, procuramos retratar por meio de pares de conceitos opostos reiteradamente presentes em nossas entrevistas. Uma das mais frequentes e, evidentemente, mais destacadas dessas antinomias diz respeito à distinção entre os “locais” e os “de fora”.

Muito do crescimento populacional da cidade se deu sob a forma de migrantes que foram atraídos pela atmosfera cultural ou pelas belezas naturais do lugar. Ademais, os empreendimentos abertos pelos “de fora” acabaram por empregar em seus negócios estratégias e táticas diferentes das locais. Porém, a distinção vai além do modelo e estilo de negócios, incluindo diferenças quanto à visão de mundo, capital humano e outros aspectos. A distinção entre nativos e recém-chegados também foi foco de considerável ausência de confiança e tensão entre tais grupos, particularmente por parte dos nativos. O par antitético utilizado na cidade para identifica-los é “ETs” e “Minhocas”, respectivamente. O simbolismo dessas expressões é fácil de ser descrito. Os “ETs”, extraterrestres ou “Extra-Tiradentinos”, implica algo de exótico e estranho, que talvez conte com capacidades e conhecimentos técnico-científicos superiores, mas com uma compreensão limitada do sistema e dos eventos locais. Por outro lado, os “Minhocas” vêm da terra, são mais limitadas em seus horizontes, porém mais “pés no chão”.

Os termos expressam bem as percepções e frustrações dos nativos em relação àqueles que vêm de fora, cuja educação formal, experiência cosmopolita e contatos externos fazem com que consigam, aparentemente com mais facilidade, desenvolver negócios que atraem uma clientela também esotérica e que paga preços “astronômicos” para dormir em prédios antigos e saborear as especialidades da culinária local.

As diferenças culturais entre os forasteiros e os nativos criam tensões não só entre os empreendedores e no campo da política, mas também em relação aos empreendedores e seus funcionários, como veremos mais à frente. Apesar de tais tensões, os “ETs” que permanecem em Tiradentes (MG) - há um grupo significativo de pessoas que se mudam para a cidade, mas que a deixam após alguns anos - parecem se identificar fortemente com a comunidade. Eles não apenas percebem Tiradentes (MG) como “lar”, mas tendem a se considerar agentes de mudanças locais, com a missão de melhorar a comunidade, tanto social, quanto econômica e politicamente.

“ETs” versus “Minhocas” e “Centro” versus “Periferia” parecem constituir os pares antitéticos mais emblemáticos e disseminados na cidade, mas não são os únicos. Três outros pares oposicionais identificados em nossas análises co-variam e se inter-relacionam com esses dois primeiros, porém se associam mais

diretamente aos *modelos de negócio* dos empreendimentos locais, que à dimensão da comunidade em sentido mais amplo. São eles: empreendimentos “Joia” *versus* empreendimentos “Bijuteria” e “Individualismo” *versus* “Coletivismo”.

### **“Joia” *versus* “Bijuteria”**

Há uma distinção importante entre empreendedores que veem seus negócios como um reflexo de sua identidade pessoal e missão e aqueles para quem seus negócios são percebidos em termos mais utilitaristas. A primeira categoria apresenta-se motivada pela oportunidade de desfrutar de um estilo de vida de cidade pequena. Parecem não enfatizar nem o crescimento, nem o lucro a qualquer custo. Seus negócios são percebidos como extensão de sua identidade pessoal e como parte de seu papel dentro de uma interação comunitária baseada no face-a-face, personalizada. As demais categorias de empreendedores veem seus empreendimentos como respostas a oportunidades de negócios a serem exploradas, como a existência de um mercado mal servido que floresceu durante a década de 1990, quando o influxo de turistas à cidade cresceu consideravelmente. Essa categoria frequentemente utiliza-se de linguagem financeira e, durante as entrevistas, com frequência, enfatizou termos como crescimento e retorno.

Os termos locais para descrever tal antinomia são “Bijuteria” e “Joia”. Outra vez, o simbolismo contido nos termos descreve bem como os entrevistados retratam tais categorias. Uma joia é algo raro e valioso que também tem valor estético e *status*. Uma bijuteria também tem propósito estético, mas não é nem cara, nem rara. Na verdade, é uma cópia do original ou um item que pode chamar a atenção, mas que não tem tanto valor, nem é original.

As “Joias” - que são amplamente reconhecidas tanto pelos empreendedores quanto pelos moradores da cidade - buscam preservar e expressar a cultura única da região em seus produtos e serviços. Adicionalmente, tais empreendimentos apresentam ter uma visão de longo prazo para seus negócios.

As “bijuterias”, por sua vez, são, normalmente, bem gerenciadas e podem oferecer excelente qualidade de serviços, mas não fazem nenhum esforço especial para preservar a identidade e o legado cultural da cidade. Seus proprietários são orientados para o crescimento, para volume e para o mercado e se engajam em promover e gerenciar, agressivamente, atividades que aumentem o tráfego de turistas na região.

Tal distinção quanto à missão e ética que permeia as relações com a comunidade se estende aos estilos de liderança e tratamento pessoal que observam em seus negócios. Descobrimos que os empreendimentos “Joia” enfatizam os relacionamentos pessoais e o desenvolvimento de seus funcionários em maior grau que os empreendimentos “Bijuteria”, enquanto essa categoria enfatiza a eficiência na execução de tarefas.

Os empreendimentos “Joia” tendem a desenvolver seu pessoal em um nível bem acima do exigido pelo ambiente imediato em que atuam. Os proprietários dessa categoria matriculam seus funcionários em programas de alfabetização e capacitação, certificam-se de que continuam na escola e até mesmo ajudam a pagar seus cursos universitários. Seus negócios apresentam menor rotatividade de pessoal e seus gerentes são frequentemente promovidos a partir de funcionários experientes e leais que trabalham no empreendimento há muito tempo. Padrões e políticas formais não são comuns, exceto aquelas estritamente necessárias para se cumprir as leis trabalhistas brasileiras.

A tendência dos proprietários “Bijuteria”, por seu turno, é a de implantar um ambiente de trabalho menos pessoal, reforçando metas, prazos de entrega, padrões de desempenho explícitos, sistemas de avaliação e recompensa baseados em normas e uso de uma hierarquia formal para monitoração do desempenho de seu corpo funcional. Nesse quesito, quebram a tradição de relações personalistas e de reciprocidade, a longo prazo, típicas em Tiradentes (MG), em particular, e em pequenas comunidades, no Brasil, em geral. Eles também preferem empregar migrantes de fora da região, na medida em que os percebem como melhores trabalhadores, mais “dóceis” e menos “contaminados” pela cultura do mercado de trabalho local.

Essas duas categorias - “Joa” e “Bijuteria” - estão associadas de perto aos dois últimos pares em oposição detectados, notadamente, quando analisadas as relações desses empreendimentos com a comunidade local. São eles: “Preservação” *versus* “Exploração” e “Coletivismo” *versus* “Individualismo”.

### **“Preservação” *versus* “Exploração” e “Individualismo” *versus* “Coletivismo”**

Alguns empreendedores - nascidos em Tiradentes (MG) ou não - manifestam preocupações quanto ao crescimento desordenado da cidade, assim como às tendências de que a expansão desenfreada dos setores de varejo e serviços venham a ofuscar o apelo histórico, artístico e cultural da comunidade. Eles afirmam a necessidade de se conservar o capital histórico e cultural local. Distinguem modelos de desenvolvimento entre “simples crescimento” e “verdadeira prosperidade”, bem como expressam o desejo de que a cidade “prosper de verdade”. Demonstrem maior sensibilidade para com os problemas da comunidade e falam mais sobre eles. Problemas tais como deficiências no suprimento e qualidade da água, tratamento do esgoto, gestão de resíduos, dentre outros do dia-a-dia de uma comunidade que vive intenso processo de crescimento são por eles amplamente salientados. Não apenas falaram nesses assuntos, mas também exemplificam tentativas concretas de desenvolver iniciativas coletivas para sua resolução, bem como para o desenvolvimento da comunidade de maneira sustentável.

No outro extremo foi possível identificar empreendedores mais individualistas em relação às suas atividades e mais orientados para a maximização de seus investimentos financeiros, em oposição à prosperidade coletiva. Seus modelos e táticas de negócios se preocupam menos com os possíveis impactos negativos sobre o ambiente histórico da cidade, sua cultura ou o dia-a-dia de seus habitantes. A tendência é de serem menos otimistas sobre o potencial de ações coletivas como veículos para o desenvolvimento da comunidade e em acharem que há poucos benefícios em se apoiar causas públicas.

A distância cognitiva e social polarizada e evidente entre essas categorias é acompanhada por certo grau de desconfiança, animosidade e tensão, não permitindo uma coordenação eficaz e ação coletiva entre os empreendedores. Isso se torna mais profundo dado ao isolamento dos empreendedores em relação às “dinastias familiares” da cidade, as quais controlam a máquina política. Já houve várias tentativas de se organizar associações comerciais, associações de classe, mas nenhuma resultou em instituição que sobrevivesse.

Em suma, se classificarmos cada empreendimento local de acordo com sua localização nos pares em oposição identificados, dois tipos distintos de empreendimentos poderiam ser evidenciados já nas entrevistas iniciais. Um primeiro, que poderíamos chamar de “Conservadores”, seria composto por

empreendimentos localizados, preponderantemente, no centro histórico, sendo, principalmente, possuídos por não nativos (“ETs”), que se encontram na parte mais refinada da categoria “Joia”.

O segundo grupo, que poderíamos denominar de “Orientados a Resultados”, seria composto por empreendimentos localizados na periferia, concentrando negócios, preponderantemente, “bijuteria”. Eles mantêm relações mais instrumentais com seus funcionários, são mais orientados para o curto prazo e para o lucro imediato. São, igualmente, mais individualistas em relação à comunidade e às suas políticas. Há exceções a esse padrão, principalmente entre os “ETs” que se inseriram tardiamente no processo e/ou não dispunham de recursos financeiros suficientes para adquirirem propriedades no centro histórico ao longo do atual *boom* econômico, os quais tendem a se encaixar na primeira categoria. Entretanto, como tipos ideais, essas duas categorias provavelmente refletem as principais diferenças sociais que dividem, à primeira vista, os empreendimentos da comunidade.

Análise posterior e mais pormenorizada, tendo por base o arcabouço teórico de Bourdieu (2003; 2008), nos permitiu delinear, a partir dos aspectos que caracterizam a dinâmica social da localidade e características de seus empreendimentos, uma tipologia dos empreendedores individuais em disputa pelo domínio do campo econômico, social, cultural e simbólico de Tiradentes (MG), conforme indicada, no tópico, a seguir.

### **Da Tensão entre Pares Antitéticos à Proposição de Tipos de Empreendedores Individuais na Dinâmica de Reconversão de Funções Econômicas de Tiradentes (MG)**

Os dados empíricos obtidos da análise inicial de nossa *Grounded Theory*, aprofundados e revisitados, *a posteriori*, à luz da teoria de Bourdieu (2003; 2008), evidenciaram três categorias de empreendedores individuais, as quais, intuitivamente, denominamos como: *empreendedores tradicionais*, *modernos* e *pós-modernos*. Não homogênea, a primeira categoria - *empreendedores tradicionais* - pôde ser subdividida em duas subcategorias: os *remanescentes* e os *pioneiros*.

Muito embora ambas as subcategorias de *empreendedores tradicionais* aparentemente se equivaalem no que tange ao valor que seus representantes sugerem atribuir à tradição, distinguem-se, todavia, quanto à forma de manifestação dessa noção: o *empreendedor remanescente* revela enfatizar mais amplamente dimensões associadas à sua *linhagem familiar*, ao nome de família, à vinculação a um clã local específico. É distintivo, nessa subcategoria, a fidelidade a laços de sangue, à terra, ao orgulho de ser um “Minhoca”, ao solo, à história local.

Os *empreendedores remanescentes* são representados, em sua maioria, por pequenos comerciantes e empreendedores individuais - marceneiros, serralheiros, carpinteiros, ourives, costureiras, doceiras e outros profissionais de ofício - nascidos na cidade e região, os quais em sua maioria já mantinham negócios na cidade bem antes do *boom* do turismo, quando a mesma, após o término do ciclo de exploração do ouro, encontrava-se esquecida e povoada, basicamente, por idosos, crianças e famílias tradicionais da agricultura e pecuária de subsistência ou do que ainda restava de um breve surto de desenvolvimento advindo da extração da prata e sua manufatura.

Já o *empreendedor pioneiro* parece dar mais ênfase à sua *bagagem cultural e humanista*, evidenciada na valorização de aspectos tais como o bom gosto e o belo, aspectos que procura associar, de forma direta, ao “DNA” de seus empreendimentos (“Joia”). Comumente fixados no centro histórico, são “pioneiros” na implantação de empreendimentos direcionados ao que mais tarde viria a se configurar no processo de reconversão de funções econômicas de Tiradentes na direção do turismo e da indústria criativa.

Embora representantes dessa subcategoria tenham vínculo familiar com nativos da cidade ou região, a “linhagem familiar” ou o “nome de família”, conforme anteriormente salientado, parece não constituir seu principal fator de distinção. Ao contrário dos *empreendedores remanescentes*, os *pioneiros* parecem evidenciar, como elementos centrais de diferenciação, o fato de serem estrangeiros ou, apesar de nascidos na cidade e região, terem vivenciado experiências em outros países ou grandes centros urbanos.

Outro traço distintivo desse grupo é, conforme mencionado, a valorização de seu “nível cultural”, de “erudição” que, de modo geral, atribuem às suas vivências externas, permitindo novos olhares e perspectivas sobre o local. Em essência, esses elementos parecem forjar, já nos primórdios do atual processo de transformação econômica de Tiradentes, o imaginário do tipo de *empreendedor remanescente vis-à-vis ao pioneiro*.

Vale reiterar relatos de *empreendedores pioneiros* associando, de maneira enfática, a estrita ligação entre seus empreendimentos e projetos pessoais e de vida, sendo os mesmos, comumente, apresentados não como negócios, mas como extensão de suas próprias existências.

Relevante, ainda, registrar que ambas as subcategorias de *empreendedores tradicionais* revelam, não raro, preocupações quanto à sobrevivência, a médio e longo-prazos, de seus negócios. Muito embora, os *empreendedores pioneiros* pareçam dispor de dispositivos que lhes permitiriam maior *background* para ajustes e mudanças de rumo em seus modelos de negócios e gestão, aspecto, como o processo sucessório, transparece como elemento crítico para a perpetuidade de seus empreendimentos, isso na medida em que a transição de modelos de gestão mais singulares, carismáticos e fortemente centrados na identidade e projeto de vida do fundador pode apresentar-se desafiador.

Quanto aos *empreendedores remanescentes*, uma vez que o processo de reconversão econômica foi levado a cabo, majoritariamente, por empreendimentos externos (“ETs”), os mesmos se apresentam, atualmente, pouco representativos em termos econômicos, exceto, em alguns casos, pela posse de imóveis no centro histórico. O menor nível de escolaridade e a própria dimensão de seus negócios (pequenos bares, lanchonetes, *ateliers* de artesanato e prestação de serviços com baixo valor agregado), sofrem, continuamente, o peso da concorrência, por parte de empreendimentos mais *modernos*.

Sobre esse aspecto, papel importante tem sido desempenhado por instituições governamentais de apoio às micros e pequenas empresas, por meio de ações de sensibilização e mobilização desses empreendedores, em especial quanto à importância da qualificação e “de uma visão mais estratégica de seus negócios”, bem como a oferta programas de treinamento em gestão e desenvolvimento pessoal. No caso específico dos pequenos artesãos são indicadas como relevantes, senão fundamentais à sua sobrevivência futura, iniciativas de cooperativismo e o associativismo.

Aos *empreendedores tradicionais - remanescentes e pioneiros* - contrapõem-se e disputam por espaço, poder e *status*, outra categoria de empreendedores individuais: os *empreendedores modernos*. Muito embora, esse conjunto de empreendedores pareça igualar-se no que se refere à valorização de atributos

como a “gestão profissionalizada”, e a disseminação de valores que visam extrapolar a dimensão da tradição (do “nome de família”, do “conservadorismo”, do “patrimonialismo”), seus representantes encontram-se distantes de se apresentarem como categoria homogênea, podendo-se identificar, a partir dos capitais econômicos, sociais e simbólicos por eles mobilizados, duas subcategorias: os *empreendedores negociais* e os *empreendedores profissionais*.

Os *empreendedores negociais*, já em bom número com empreendimentos localizados, geograficamente, fora do centro histórico da cidade, habitualmente, são associados à busca frenética e incansável por resultados e pela adoção de lógica de negócio centrada em técnicas fundamentadas no modelo do *scientific management*, de base norte americana. Diferentemente dos *empreendedores pioneiros*, que buscam forjar uma imagem de seus empreendimentos associada a valores mais humanistas, visando um maior desenvolvimento da comunidade e das pessoas, assim como a um projeto ético e estético, alicerçado em uma filosofia que enfatiza uma valorização do humano e do local, os *empreendedores negociais* comumente são descritos como focados no curto-prazo, no lucro imediato, tendo suas ações centradas em técnicas científicas do *marketing* e em iniciativas orientadas ao entretenimento.

Outra subcategoria de *modernos* compreenderia os empreendedores que denominamos de *empreendedores profissionais*. Essa subcategoria é constituída, na grande maioria, por indivíduos que justificam sua presença em Tiradentes pelo desejo de saírem dos grandes centros urbanos. Muitos são profissionais liberais ou ex-executivos de grandes empresas, nacionais e multinacionais, que, em especial durante viagens à cidade, como turistas, decidiram fazer uma transição profissional, realizando antigos sonhos de terem seus próprios negócios, quer pelo estresse, por desligamentos involuntários ou desejo de construir a vida de outra forma, distante dos grandes centros. São psicólogos, médicos, advogados, engenheiros que, além verem na cidade encantos naturais e potencial econômico, vislumbram ter ali melhor qualidade de vida e criarem seus filhos, de forma mais livre e saudável.

Como atributos dos *empreendedores profissionais*, além do caráter urbano e cosmopolita, destaca-se a valorização da instrução em nível superior, em especial em gestão e de experiências prévias, com competências adquiridas quanto a modernas práticas de gerenciamento. Nessa direção, constata-se ênfase em discursos e posturas gerenciais associados a noções como as de: qualidade, responsabilidade social empresarial, preservação do meio-ambiental, respeito à ecologia, cidadania empresarial, dentre outras que procuram vincular a imagem de seus empreendimentos às noções de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável.

Finalmente, além dos *empreendedores tradicionais*, dos *empreendedores modernos* e suas variações, uma última categoria de empreendedores pôde ser identificada: os *empreendedores pós-modernos*, que, de forma similar, parecem se distinguir em duas subcategorias, as quais denominamos de *empreendedores camaleões* e *empreendedores vanguardistas*.

Os *empreendedores camaleões*, no geral, compõem-se de pessoas advindos de grandes centros, mas também por cidadãos nascidos na cidade. Com poucos recursos financeiros, comparativamente aos *empreendedores modernos* e *pioneiros*, constituem seus empreendimentos na base do “jeitinho” e da improvisação, copiando o estilo de pousadas, o cardápio de restaurantes e artigos de *ateliers* de arte voltados a públicos de maior poder aquisitivo. Distinguem-se, ademais, pela flexibilidade, adaptabilidade, capacidade

em assumir riscos e elevado senso de oportunidade. Frequentemente encontram-se inseridos na economia informal.

Por último, os *empreendedores vanguardistas*, em essência constituídos por proprietários de *ateliers* de arte, produtores artísticos, pintores e outros artistas, caracterizam-se e são comumente caracterizados por atributos tais como: criação, novo, sensibilidade, independência, autonomia, liberdade, negação da tradição e do *status quo*, polêmica, transgressão de regras, desconstrução, provocação, contestação, desprendimento, resistência e por estilos de vida particulares. De modo geral, estimulam, por seu caráter questionador da própria arte, dos comportamentos, da ecologia e da política, a inserção na comunidade de novos temas como o papel do homem e da mulher, o lugar do corpo e da sexualidade na sociedade, o uso dos objetos no cotidiano, da cultura de massa e o desperdício da sociedade de consumo.

### **Articulando Achados Empíricos e a Literatura sobre Empreendedorismo**

Quando comparamos os temas e tipos de empreendimentos e empreendedores obtidos empiricamente e a literatura sobre empreendedorismo, encontramos pelo menos três ligações potencialmente significativas. Primeiramente, ficou evidente que vários temas presentes na literatura sobre empreendedorismo e cultura nacional coexistem sob tensão, em Tiradentes (MG). Por exemplo, embora não seja o principal eixo de tensão social na comunidade, o coletivismo *versus* individualismo, seguindo as linhas descritas em trabalhos sobre empreendedorismo e características nacionais, inspirados por Hofstede (1980), constitui questão que diferencia os empreendedores da comunidade estudada, emergindo de forma indutiva em nossa análise das entrevistas. Em segundo lugar, as motivações dos empreendedores variaram de forma significativa e bem próxima daquela observada em parte da literatura sobre empreendedorismo. O estudo de Scheinberg e MacMillian (1998) é o principal deles, que nos vem à mente.

Em estudo realizado em onze países, esses autores identificaram seis dimensões motivacionais nas quais empreendedores de diferentes países apresentavam variações: aprovação, instrumentalização da riqueza, comunitarismo, necessidade de desenvolvimento pessoal, necessidade de ser independente e necessidade de escapar. Não parece ser um salto demasiado grande se classificarmos os empreendimentos “Joa” e tipos de empreendedores associados como apresentando maior grau de comunitarismo, necessidade de desenvolvimento pessoal e menor grau de instrumentalização da riqueza; enquanto os empreendimentos “Bijuteria” e seus representantes apresentariam menor grau de comunitarismo e alto grau de instrumentalização da riqueza.

Tais paralelos são importantes por indicarem que alguns temas universais parecem presentes entre os empreendedores de Tiradentes (MG). O espaço disponível não nos permite discutir vários outros que encontramos. Para nós, no entanto, é igualmente importante o fato de vários dos principais temas identificados no estudo - “Centro” *versus* “Periferia”, “ETs” *versus* “Minhocas”, “Individualismo” *versus* “Comunitarismo”, “Preservação” *versus* “Exploração” - não estarem previstos na literatura que abordamos. Isso sugere que ambientes em que a literatura ainda não chegou podem ser obtidos atributos únicos, bem como emergir novas perspectivas.

Ainda mais significativo é o fato que temas que a literatura considera que variam de nação para nação (“Individualismo” *versus* “Coletivismo”, por exemplo), estarem claramente presentes e em relação de tensão

dentro do grupamento de empreendedores de uma pequena comunidade de um mesmo país. Tal sugere que evidências empíricas de variações entre países e culturas não significa que o empreendedorismo dentro dos países seja homogêneo - um ponto talvez óbvio, porém importante, já mencionado na literatura sobre cultura organizacional (NELSON e GOPALAN 2003), mas que não tem recebido a devida atenção em estudos sobre o empreendedorismo.

Uma terceira ligação com a literatura diz respeito às relações entre empreendedores na comunidade de Tiradentes (MG). A questão se os membros de uma região geográfica, econômica, industrial ou cultural delimitada interagem é um dos tópicos que os ecologistas organizacionais utilizam para definir comunidade e sobre a qual se tem pouco consenso.

A corrente dominante das pesquisas sobre *Ecologia Social Comunitária*, citada em estudos sobre o empreendedorismo, tem como foco a dinâmica de novos setores e realça relações entre fornecedores, integração vertical, movimentos competitivos, fluxos de pessoal, informação e recursos entre atores, como aspectos mais significativos (FREEMAN e AUDIA, 2006; MEZIAS e KUPFERMAN, 2001; OWEN-SMITH e POWELL, 2004).

No caso de Tiradentes (MG), nosso foco foi diferente. Estudamos uma comunidade com base no espaço físico, dentro do qual variada gama de empreendedores moram e trabalham. Nesse caso descobrimos que a competição, as relações com fornecedores, os fluxos de pessoal e recursos eram pouco significativos em termos das tensões e principais questões identificadas pelos empreendedores da região. O oposto acontecia, já que diferenças quanto a identidade, metas pessoais e modelos de negócios resultantes levavam a posições conflitantes sobre os rumos e a política de desenvolvimento econômico vislumbrado para a cidade. Assim, ao invés de a evolução da comunidade estar ligada unicamente às dinâmicas competitivas de um dado setor, estaria igualmente ligada às identidades e metas pessoais de seus empreendedores, bem como, em última instância, à capacidade e vontade de se mobilizarem politicamente, de acordo com o que Saravasthy argumenta em seu estudo teórico, de 2004.

No caso estudado não é difícil também inferir efeitos recursivos entre fatores comunitários e posicionamentos dos empreendimentos. Se a comunidade não dispusesse de um estoque inicial de prédios históricos, em uma localização mais ou menos preservada, não é provável que os empreendimentos “Conservadores” tivessem sido atraídos para a comunidade, muito menos a importância desempenhada pelos “Empreendedores Pioneiros”. Já, o desenvolvimento subsequente - se ocorresse - provavelmente teria simplesmente negligenciado ou posto abaixo o setor histórico da cidade e Tiradentes (MG) nunca teria se tornado um destino turístico de elite. Se os empreendimentos “Orientados para o Crescimento” e, por conseguinte os “Empreendedores Negociais”, estivessem ausentes é improvável que o atual volume de tráfego turístico tivesse sido atingido, na medida em que, certamente, os empreendimentos “Conservadores” estariam pouco interessados no crescimento econômico *per se*, haja vista seus modelos de negócios dificilmente se ajustarem a uma economia de escala.

Já se os empreendimentos “Orientados para o Crescimento” passassem a dominar Tiradentes (MG), a cidade provavelmente perderia muito de sua atração, pelo menos para o mercado de elite e talvez também, com o passar do tempo, para o mercado popular. Isso, considerando a previsível degradação de seus bens históricos, culturais, assim como capitais imateriais e intangíveis. O que inferimos é que, pelo menos no momento, a atual combinação entre os diferentes tipos de empreendimentos e empreendedores que

compõem a comunidade ecológica da cidade lhe permite lidar, com relativo sucesso, com a dinâmica econômica que se lhe apresenta.

Ademais, a atual situação política, que consiste em tradicionais famílias nativas, provavelmente, permite aos empreendimentos mais “Orientados para o Crescimento” continuarem a fundar negócios e prosperar já que os políticos demonstram pouco interesse na agenda - mais clara e organizada - dos empreendimentos mais “Conservadores”. Se a “classe” política fosse, no entanto, mais “engajada” é possível que uma decisão que favorecesse, de forma mais desequilibrada, uma das duas orientações pudesse levar ao domínio de um modelo de desenvolvimento sobre o outro, alterando, de forma dramática, o equilíbrio de forças existente. Assim, a ecologia comunitária de Tiradentes parece ter dado conta, até o momento, da coexistência de diferentes tipos de empreendimentos e empreendedores, com aparentes e relativos benefícios para o conjunto.

Questões como a sazonalidade da indústria do turismo, necessidades crescentes de investimentos públicos para se fazer face às novas demandas por infraestrutura e mesmo uma maior participação dos “ETs” na política partidária local podem, no entanto, alterar tal configuração, reforçando a relevância de maior articulação entre os atores públicos, sociais e os diferentes tipos de empreendedores identificados. Nessa orquestração, ao poder público, em especial, caberá importante papel a desempenhar.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em relação às contribuições deste estudo ressalta-se que o mesmo parece-nos relevante ao ampliar o empreendedorismo, considerando o contexto de processos de reconversão de funções econômicas de cidades, no Brasil. Além disso, pode contribuir para reforçar os modelos de tipologias identificadas, empiricamente, em Tiradentes. Os resultados deixam claro que os empreendedores possuem variações entre si - em termos de papéis desempenhados, atributos pessoais, modelos de gestão e capitais econômicos, sociais e simbólicos mobilizados - e convivem em constante inter-relação, conflito e alianças no seio dos processos de transformações vivenciado pela cidade. São achados relevantes, visto que a literatura clássica sobre empreendedorismo ainda não está atenta à dinâmica de coexistência e tensão entre tipos de empreendedores distintos.

Outro importante resultado desse estudo é que os sujeitos personificados nos diferentes tipos de empreendedores identificados não surgem, nem atuam em um vácuo social, nem são independentes uns dos outros, especialmente em contextos em que compartilham do mesmo patrimônio histórico ou cultural. Eles fazem parte de uma *ecologia social comunitária* (HANNAN e FREEMAN, 1984), repleta de competição, colaboração, assim como sinergias intencionais e inconscientes.

Ao mesmo tempo em que cada tipo de empreendedor identificado tem seu papel, seus objetivos, mobilizam diferentes capitais e produzem seus impactos, os mesmos coexistem em um estado de tensão dinâmica. Por exemplo, eventuais alianças entre *empreendedores camaleões e negociais* poderiam *baratear* a cidade, destruindo seu posicionamento como destino turístico qualificado.

Como já mencionado, a literatura clássica sobre empreendedorismo não parece, todavia, muito atenta à coexistência e tensão entre distintos tipos de empreendedores. Ao mesmo tempo revela não considerar a importância da ecologia social comunitária em criar contextos que contribuam para definir os parâmetros de interação entre tais atores e seu papel social na comunidade.

A dinâmica observada por meio dessa nossa “etnografia” em Tiradentes (MG) apresenta-se, desse modo, bastante diferente dos dois extremos que caracteriza o pensamento tradicional sobre o empreendedorismo. De um lado, a visão dos empreendedores como elementos quase míticos, ao contrário dos demais indivíduos, que por seu gênio e competências singulares estariam aptos a identificar e aproveitar oportunidades e criar novas riquezas que outros não conseguiriam vislumbrar (COLLINS e MOORE, 1964; CARLAND *et al.* 1996; HULL *et al.* 1980; MILLER, 1983; MINER, 2000; SCHUMPETER, 1950).

Por outro lado, a ideia que as macro forças tecnológicas e econômicas criariam oportunidades para novos empreendimentos, os quais são idealizados ao acaso por pessoas que não por virtudes particulares acontecem de estar no lugar certo, na hora certa. Exemplo nessa linha seriam estudos sobre a *Ecologia Social Comunitária* (HANNAN e FREEMAN, 1984; FREEMAN e AUDIA, 2006). Sem dúvida, os acidentes da história e geografia forjaram, em Tiradentes (MG), configurações de recursos físicos de certa forma única.

Verificar que diferentes empreendedores estão inseridos em contextos sociais, nos quais seus atores têm papéis diferenciados e conflituosos parece-nos não ser a única contribuição deste estudo. Evidencia-se, também, que o empreendedor depende de seu entorno de forma ainda não explicitada pela literatura. Não é sem importância que, por exemplo, a existência e disponibilidade de um *centro histórico* valoriza e facilita os dons e inclinações dos *empreendedores vanguardistas* e *pioneiros*, de forma mais relevante que em outros contextos.

Adicionalmente, os achados e resultados sugerem que, embora os tipos de empreendedores encontrados na literatura internacional possam ser reconhecidas em Tiradentes (MG), as trajetórias e origens sociais das pessoas que representam tais tipos podem ser bastante diferentes. Isso indica que mesmo que os tipos de empreendedores acabem tendo um perfil universal típico, o caminho que percorre para ocupar determinado papel de influência e liderança em seu campo pode variar de forma significativa, em função da dinâmica sócio-econômico-cultural prevalente.

Por fim, a diversidade entre os tipos de empreendedores, ao impedi-los de perseguir objetivos comuns, pode vir a preservar o poder da oligarquia política tradicional, com potenciais impactos sobre a qualidade do desenvolvimento local futuro.

### REFERÊNCIAS

- BOURDIEU, P. A distinção: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp, 2008.
- BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- BOWEN, G. Grounded Theory and Sensitizing Concepts. *International Journal of Qualitative Methods*, Vol. 5(3): 1-9, 2006.
- CARLAND, J.; CARLAND, J. D.; STEWART, W. Seeing what's not there: The enigma of entrepreneurship. *Journal of Small Business Strategy*, 7(1), 1-20, 1996.
- COLLINS, O.; MOORE, D. *The enterprising man*. Michigan State University Press: East Lansing, MI, 1964.
- DENZIN, N.; LINCOLN, Y. *Handbook of qualitative research*, 2nd edition. Sage Publications: Thousand Oaks, CA, 2000.
- DEY, I. Grounding Categories: In: BRYANT, Z; CHARMAZ, T. A. (Eds.). *The SAGE Handbook of Grounded Theory*. SAGE Publications: Los Angeles, 2007.

- FLICK, U. Introdução à pesquisa qualitativa. Editora Artmed: Porto Alegre, 2009.
- FREEMAN, J. H.; AUDIA, P. G. Community ecology and the sociology of organizations. *Annual Review of Sociology*, 32: 145-169, 2006.
- FROTA, L. C.; PETERSON, C. Tiradentes: retrato de uma cidade. Campos Gerais: Rio de Janeiro, 1983.
- GLASER, B. Sensitivity: Advances in the methodology of grounded theory. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1978.
- GLASER, B. Basics of grounded theory analysis: Emergence vs. forcing. Sociology Press: Mill Valley, CA, 1992.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. The discovery of grounded theory: Strategies for qualitative research. Aldine de Gruyter: New York, 1967.
- GIOIA, D. A.; THOMAS, J. B. Identity, Image and issue interpretation: Sensemaking during strategic change in academia, *Administrative Science Quarterly*, Vol. 41, pp. 370-403, 1996.
- HANNAN, M.; FREEMAN, J. Structural inertia and organizational change. *American Sociological Review*, v. 49(2):149-164, 1984.
- HOFSTEDE, G. Culture's Consequences: International differences in work related values. Beverly Hill, CA, Sage, 1980.
- HULL, D.; BOSLEY, J.; UDELL, G. Renewing the hunt for the heffalump: Identifying potential entrepreneurs by personality characteristics. *Journal of Small Business Management*, Vol. 18(1): 11-18, 1980.
- MALLMANN, T. D. M.; BORBA, B. W.; RUPPENTHAL, J. E. Avaliação da tipologia dos empreendedores residentes da incubadora tecnológica de Santa Maria utilizando o teste "Kersey Temperament Sorter". In: Encontro Nacional de Engenharia de Produção. Anais do XXV ENEGEP. Porto Alegre, 2005.
- MEZIAS, S. J.; KUPERMAN, J. Economic action and social structure: The problem of embeddedness. *American Journal of Sociology*, Vol. 91 (3): 481-510, 2001.
- MILES, M.; HUBERMAN, A. Qualitative data analysis. An expanded sourcebook, 2d ed. Sage Publications: Thousand Oaks, CA, 1994.
- MILLER, D. The correlates of entrepreneurship in three types of firms. *Management Science*, Vol. 29(7): 770-791, 1983.
- MINER, A.; BASSOFF, P.; MOORMAN, C. Organizational improvisation and learning: A field study. *Administrative Science Quarterly*, Vol. 46: 304-337, 2001.
- OWEN-SMITH, J.; POWELL, W. W. Knowledge networks as channels and conduits: The effects of spillovers in the Boston biotech community. *Organization Science*, 15: 5-21, 2004
- NELSON, R. E. ; SANT'ANNA, A. S. Entrepreneurial types and community dynamics in Tiradentes, Brazil. In: Academy of Management 2012 Annual Meeting. Proceedings... Boston: AOM, 2012b.
- NELSON, R. E. ; SANT'ANNA, A. S. Tipos de empreendedores em penturbia brasileira. *Revista de Administração Pública (Impresso)*, v. 46, p. 5, 2012a.
- NELSON, R. E. ; SANT'ANNA, A. S. Enterpreneurial types and community dynamics in Tiradentes, Brazil. In: I Congresso Lusófono de Comportamento Organizacional e Gestão. Anais... Lisboa: ISCSP/UTL, 2011.
- NELSON, R.; GOPALAN, S. Do organizational cultures replicate national cultures? Isomorphism, rejection and reciprocal opposition in corporate values of three countries, *Organization Studies*, 24 (7): 1115-1151, 2003.
- SANT'ANNA, A. S.; DINIZ, D. M. ; CURY, P. G. ; VAZ, S. M. . Entrepreneurial typology: an analysis from Bourdieu s perspective. In: 2012 BALAS Annual Conference. Anais... Rio de Janeiro: BALAS, 2012a.
- SANT'ANNA, A. S. ; OLIVEIRA, F. B. ; NELSON, R. E. ; DINIZ, D. M. . Tipos de empreendedores em dinâmicas de reconversão de funções econômicas de cidades: uma análise sob a perspectiva de Bourdieu. In: Encontro de Estudos Organizacionais - EnEO 2012. Anais... Curitiba: ANPAD, 2012b.
- SANT'ANNA, A. S.; NELSON, R. E.; OLIVEIRA, F. B. Empreendedorismo e desenvolvimento do turismo em Tiradentes. *Revista Acadêmica Observatório de Inovação do Turismo*, v. 6, n. 3, 2011.
- SANT'ANNA, A. S.; et. al. Liderança e reconversão de funções econômicas de cidades: o caso Tiradentes. Nova Lima: FDC/FAPEMIG, 2011. (Relatório de Pesquisa).
- SARASVATHY, S. The questions we ask and the questions we care about: Reformulating some problems in entrepreneurship research. *Journal of Business Venturing*, Vol. 19: 707-717, 2004.
- SCHEINBERG, S.; MACMILLAN, I.C. An 11-country study of motivations to start a business. In: KIRCHHOFF, B.A. et al. (Eds.). *Frontiers of Entrepreneurship Research*. Wellesley, MA: Babson College, 1998.
- SCHUMPETER, J. Capitalism, socialism and democracy. Harper: New York, 1950.